

Do cuidado à autonomia

A superação de Sara Araújo não impacta apenas quem conhece sua história; hoje, também alcança os clientes que frequentam seu salão. “Eu não acreditava que era possível sair da vida que eu levava. Quando todos me abandonaram, vi pessoas que acreditaram em mim e que me fizeram acreditar no mundo da beleza. Hoje, os clientes perguntam da minha tornozela, eu não tenho vergonha, falo com orgulho de onde eu consegui sair e tudo o que eu conquistei.” Sara ainda comenta que, se todos os reclusos tivessem essas oportunidades, o crime não seria tão recorrente.

As aulas de manicure raiz, ministradas por Jacqueline Feitoza, focam nos cuidados essenciais das unhas naturais, incluindo limpeza, remoção de cutículas, lixamento e esmaltação tradicional. Durante os quatro dias de curso, Jacqueline sai com uma bagagem maior do que quando entrou. “Uma vez eu escutei: ‘Professora, eu pensei que o curso era ontem e tentei suicídio. Mas graças a Deus que é hoje, porque eu sonhei com meu nome no letreiro do salão’. Então eu vi que a unha alimentava a esperança dela de, quando sair, ser alguma coisa.” Ela também conta que encontrou cinco mulheres que já eram manicures fora do presídio, mas que nunca haviam tido a oportunidade que estavam recebendo ali. “Elas começaram a agradecer por estarem presas e diziam que, quando fossem livres novamente, fariam diferente. E aí fomos estudando a possibilidade de oferecer outras coisas”, lembra.

Com a fala emocionada, Sara recorda a descrença em si mesma quando as portas começaram a se abrir. “Quando eu estava presa, não acreditava em nada do que me falavam, que eu ia conseguir um emprego e crescer na vida. Quem ia me dar essa oportunidade, os materiais, o investimento? Tudo era apenas ilusão na minha cabeça.” Hoje, Sara garante que só consegue agradecer.

O curso de nail designer, ministrado por Joyce Souza, Karine Lisboa e Karol Alves, especializa as mulheres detidas em técnicas avançadas, como fibra de vidro, gel, acrílico, Molde F1, blindagem e decoração sofisticada. Karol ressalta a dimensão humana desse processo. “Tenho muita certeza de que a transformação pode acontecer. Estar dentro do presídio me fez entender o valor da nossa liberdade. Eu não



Formatura das alunas após finalizarem o curso de beleza e receberem o certificado

Fotos: Arquivo pessoal

tinha essa percepção de que posso ir para casa a hora que quiser, comer o que eu quiser. E é lindo falar sobre acreditar, porque é isso: nós acreditamos na transformação delas. Se nós podemos mudar, por que elas não poderiam? E temos visto isso em cada curso, em cada atendimento na área da beleza.”

Ver e ser vista

A antropóloga Debora Diniz acredita que as iniciativas de beleza dentro das unidades femininas atuam como instrumentos de dignidade e reconhecimento. Para ela, qualquer ação que devolva autoestima e incentive o cuidado consigo mesma funciona como

uma forma de ressituar o olhar sobre a mulher privada de liberdade. “É um retorno a ser vista e reconhecida”, destaca. Debora ressalta que as práticas de beleza têm impacto imediato porque funcionam como ponte entre o “dentro” e o “fora” do presídio, além de oferecerem resultados visíveis, especialmente em dias de visita. “Elas se transformam em mecanismos de ver, ser vista, de celebração e de alegria”, afirma.

O curso de automaquiagem, oferecido por Laísa Amorim, ensina técnicas para uso pessoal, desde a preparação da pele até o batom. “Em primeiro lugar, quero mostrar para elas que a imagem tem poder. Lá dentro, muitas vivem sem perspectiva e nem têm um espelho para se olhar. A automaquiagem chega como um presente, uma forma de se reconhecerem como seres humanos que têm valor.”